



Profa. Dra. Nara Hiroko Takaki

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

1. A senhora tem vários estudos sobre as epistemologias contemporâneas modernas (2014). Qual seria sua incidência nos novos letramentos, nos múltiplos letramentos e nos letramentos críticos para a formação de alunos e cidadãos críticos na sociedade global atual?

Pois bem, o foco na formação de cidadãos críticos pressupõe indagarmos sobre o tipo de cidadão que desejamos e podemos formar juntos. Se atentarmos para a crescente movimentação de pessoas de um espaço para o outro, de informações e fluxos de capitais, perceberemos encontros de diferenças translinguísticas, transculturais, transdisciplinares, dentre outras, que demandam do cidadão uma articulação em que as normas de outrora podem não mais fazer sentido. Hoje, as práticas são imbuídas de vários repertórios translinguísticos, transculturais e transdisciplinares na visão de Canagarajah, além de outros. Esses cidadãos também trazem consigo diferentes repertórios e diferentes regimes de verdade. Para que eles se entendam e consigam alcançar objetivos em comum, se assim desejarem, algumas ideias podem ajudar. São elas: assumir um pensamento aberto e dinâmico para renegociações de significados; elaborar estratégias interativas e, quando isso não for possível, pensar em exemplos de ações com o apoio da mistura de línguas, imagens, sons, animações, gestos, emoções, silêncios etc. que podem dizer com mais sucesso o que deseja “na hora” e conseguir entender o outro e se fazer entendido; adotar uma consciência de resiliência, o que poderá contribuir muito para as relações humanas; permitir-se reaprender constantemente nessas condições comple-

xas e ao mesmo tempo instigantes. Isso é o que chamo de éticas pluralizadas e informadas por epistemologias-ontologias-metodologias situadas e condizentes com as atualizações. As regras serão reinventadas “na hora” da interação, desafiando o modelo de A a Z, sem garantias de sucesso, no entanto. O estabelecimento prévio de regras discursivas, multimodais, indexicalidades, e aí autores, como Kress, Menezes de Souza, Blommaert e Rampton, Janks, dentre outros, podem ajudar nesse sentido, terá de conviver com essas práticas exercitadas de “em lócus” (sem ser vale-tudo) acertadas no processo da performatividade, que é uma noção que Pennycook assume como chave na contemporaneidade. Uma consequência será a divisão de poder entre os participantes de tais interações e/ou exemplos de ações na vida.

Observe, por exemplo, os novos letramentos e multiletramentos. Eles têm dado visibilidade às práticas sociais diárias das pessoas, diminuindo fronteiras entre privado e público e reconstruindo identidades. O potencial da telefonia móvel democratizou as autorias culturais, atinou vozes de silenciados, agilizou a prestação de serviços principalmente nos espaços em que há banda larga. Se ampliarmos o conceito de leitura, perceberemos que suas práticas se tornaram irresistíveis nas aulas, nos restaurantes, nos cinemas, nos meios de transporte etc., por meio do celular. Não é somente uma questão de compromisso, entretenimento, vaidade, pois essas práticas de letramentos alteram as relações, as identidades e as produções ao mesmo tempo que as tecnologias são inovadas pelos humanos. As práticas translíngues não

dizem respeito apenas ao hibridismo de diferentes línguas, mas incluem também a chamada multimodalidade. Ela é extremamente importante para a compreensão, a produção e a disseminação de textos nas telas ou fora delas. Ler *emoticons*, vídeos compartilhados, fotografias, memes, mensagens por áudio, narrativas, piadas, paródias em tempo quase real requer habilidades muito além da linearidade de pensamento, uma visão criticada por Morin. Mas, por quê? Porque uma das características desses letramentos tem a ver com a velocidade e a simultaneidade dos significados no conjunto das obras. O leitor é um autor que vai dar outras vidas àquilo que está na tela, no seu entorno, e a sua maneira particular de ler também modifica a sua formação. Ele vai conectar significados ditos periféricos com os aparentemente centrais, transitando por outros contextos/outras realidades, reavaliar e se apropriar de tais informações e conhecimentos em seu favor. Um dado importante revela que o meio digital possibilita interpretação, elaboração de estratégias e tomadas de decisão que não necessariamente dependem de conhecimento, recurso, habilidade e experiência já familiares. Lankshear e Knobel, e Monte Mór explicam isso bem. Muito de aprendizagem contingencial ocorre. Essa é a chamada epistemologia digital ou epistemologia de performance, segundo esses autores. Não é somente a aprendizagem compartilhada, mas é igualmente a capacidade de prever, reimaginar, reinventar, recriar, reconectar sentidos múltiplos em transação com os demais, como já disse, ou seja, é uma prática que o meio impresso não permite com tanta velocidade e alcance. A convivência com as diferenças socioculturais, políticas e econômicas lança luzes produtivas às tensões que isso gera na sociedade. E uma mudança na forma de encarar a vida *on-line* – *off-line* é reconhecer que tais tensões podem ser oportunidades para problematizações incessantes com vistas à criação de espaços de negociação de significados com menos discrepâncias. Nesse sentido, as epistemologias contemporâneas assumem crí-

ticas e autocríticas constantes quando se deseja problematizar o tom a ser dado na formação dos cidadãos.

2. A pesquisa tem se concentrado, atualmente, no uso de tecnologias móveis para o ensino. Há uma grande preocupação de sua parte quanto à formação de educadores. No entanto, quando observamos os currículos dos cursos superiores, de modo geral, há quase uma ausência de disciplinas com foco nas tecnologias como instrumento para o desenvolvimento profissional. De que forma a senhora vê essa situação?

James Gee já chamou a atenção para o seguinte: não é o computador que vai substituir o professor, mas o professor que não fizer uso de tecnologias é quem poderá ser dispensado. Bem, é a qualidade do uso da tecnologia que é o grande nó na educação e na sociedade. O que adianta investir em salas de tecnologias, em técnicos para manutenção, se as autoridades, os profissionais de políticas linguísticas, os desenhistas de currículos, os professores, os membros das comunidades, pais e alunos em geral, não reconhecem essa questão? Como fazer para isso acontecer? É investir, com coragem, na qualidade das formações continuadas dessas pessoas que citei e no compromisso de um *follow-up* permanente na Educação Básica, nas universidades e, aí, entrariam os redesenhos de currículos para disciplinas com uso de tecnologias, e a perspectiva teórico-prática que já assinalei aqui representa uma possibilidade, ou seja, é levar em conta a criação de meios mais criativos, críticos e éticos para promover melhores convivências com as diferenças que tendem a aumentar no mundo.

3. Na perspectiva do web currículo, quais as características necessárias à escola do século XXI?

Essa pergunta dialoga com a pergunta dois. Uma discussão que envolva diferentes profissionais com capacidades diferentes poderá ampliar o atendimento das necessidades da escola.

É um aprender com o outro. Quais são as limitações e as possibilidades? Essa é uma pergunta que poderá ser produtiva quando as próprias limitações forem tomadas como ambíguas. E tornar o olhar e o agir mais democráticos, por assim dizer. Juntos, mantendo nossas diferenças, podemos nos reeducar para negociar mais e elaborar projetos político-pedagógicos, ementas, aulas, projetos de pesquisa-ensino-extensão por várias coautorias. As autoridades podem desburocratizar os processos para esses fins, ou seja, é pensar num *web* currículo em que a habilidade técnica e a educação de natureza crítica, da perspectiva expandida que enfatizei aqui, estejam conciliadas. Talvez a *web* escola, que é muito maior do que o *web* currículo – e quando digo escola, quero dizer a população geral –, precisa criar o hábito de se reposicionar profissionalmente, isto é, estar a par das teorias atualizadas de educação na acepção ampla da palavra para fazer escolhas epistemológicas-ontológicas-metodológicas abrangentes. Por quê? Porque há escolas que estão concorrendo simultaneamente, 24 horas por dia, com as escolas formais. Elas são as escolas da vida cujas pessoas estão aprendendo com outros tipos de relacionamentos, estão construindo outras práticas sociais e reinventando coisas interessantes com outros valores que lhes são relevantes. Estão se inserindo aqui e ali na sociedade, politicamente falando. Sabemos que a abrangência e a criatividade são sinais de inteligência conectada. E inteligência é exercício individual atrelado ao coletivo. Para que isso seja estimulado, a iniciativa pode ser local. A partir daí, ela poderá contagiar outras iniciativas rumo a um trabalho incessante e em conjunto para revitalizar o engajamento dos alunos, seja no preparo para os exames, seja para a vida.

4. Com o advento das tecnologias digitais e das redes sociais, como a senhora vê as propostas de formação continuada de educadores, que trabalham com o ensino de crianças e jovens, na escola básica?

Há de se reconhecer que o Brasil deu uma guinada, no sentido de oferecer mais cursos de formação continuada aos professores. Digo isso em geral. Se há professores que não estão participando de algum programa, é outra história. É preciso ver o contexto disso. Mas o que conta como formação da perspectiva de educação crítica, criativa e ética, por exemplo? Lembrando-se de que toda e qualquer formação não dispensa revisões de tempo em tempo. Em meus escritos, enfatizei que éticas são socialmente construídas. É então que a atenção aos conceitos de língua/linguagem/letramento/multimodalidade/superdiversidade, cultura, identidade, diferença, hibridismo, poder, ensino-aprendizagem, classe, gênero, orientação sexual, ética, cidadania, educação, espiritualidade – só para ficar nesses – entra em jogo. Isso porque as noções que as pessoas adotam já são epistemologicamente embasadas e influenciarão o tipo de formação continuada praticada e permanentemente revisitada. As mídias digitais são meios pelos quais crianças, jovens e jovens adultos podem desenvolver raciocínios, ideias e projetos com maior autoria e velocidade, se assim quiserem. Muitos dos valores nessas autorias estavam submersos até então. Sabemos que a motivação para interagir pelas redes sociais é forte neles. Entretanto, aproveitar essa motivação para realizar tarefas educativas é o grande lance do momento. Novamente, digo: o uso que se faz das tecnologias atuais dependerá do repertório de conceitos que estou elencando. Esses conceitos informam os objetivos e as práticas das propostas de formação continuada dos educadores da Educação Básica. Essa formação deveria vir acompanhada da formação dos técnicos, dos pais, dos coordenadores e diretores de escolas, dos elaboradores de exames e, reforço, dos desenhistas de currículos e de políticas linguísticas. Rajagopalan nos lembra de que os profissionais de língua/linguagem estão aqui para fazer intervenções políticas na sociedade, e eu estendo isso para os usuários da língua/linguagem em geral. As

intervenções podem maximizar a participação nas decisões políticas daqueles historicamente prejudicados. Manter isso como um norte pode ser produtivo.

5. O professor do Ensino Superior estaria preparado para promover, com seus alunos, debates e formação na perspectiva tecnológica?

Um professor estaria preparado com o seu “estado da arte” de hoje, que poderá não servir para o amanhã. E por quê? Porque abrir mão das verdades e das epistemologias-ontologias-metodologias – é assim que tenho usado essa noções – é complexo. É uma tarefa para se permitir fazer autocríticas em meio a outras críticas, e isso já é ser crítico. Essa alternativa serviria para qualquer instituição, qualquer perspectiva tecnológica e qualquer profissional, inclusive o aluno, pois ser aluno é estar inserido ativamente numa prática social. Os que se preocuparem com justiça social dos cidadãos se aproximarão mais das realidades e das necessidades dos alunos. Rediscutir modelos travestidos de humanistas, neoliberais e democráticos, e que culminam em meras *commodities*, passa a ser premente. Há casos significativos no Brasil. A mídia também precisa se rever e estar bem-informada para ajudar a difundir mais esses trabalhos. Muito obrigada!